



## Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariana.nied@gmail.com

### Descobertas de Ziraldo

Havia um bom tempo não tirávamos *Flicts* da estante. Era o livro preferido do meu companheiro na infância e tive o prazer de conhecer a obra poucos anos atrás. Uma nova livraria acabou de inaugurar na cidade e fomos, em família, desbravá-la. Lá, compramos o exemplar do primeiro livro

infantil assinado por Ziraldo. Uma linda história de defesa da diversidade contada apenas com formas geométricas e cores.

Na semana que se passou, decerto por algum arranjo do universo que transcende a nossa compreensão, decidi ler mais uma vez a história do pobre e feio e aflito *Flicts* para as meninas. A mais velha, com mais habilidade para manter o foco, até lembrava de alguns trechos. A pequeninha já se rendia ao sono acumulado durante o dia, e prestou pouca atenção, mas ainda assim se interessou por uma ou outra parte.

Ontem, depois que soubemos da partida de Ziraldo, o momento da leitura antes da hora de dormir se tornou, mais uma vez, especial. Sugerir que repetíssemos o livro de dias atrás, e elas logo toparam. Um dia, quando crescerem aos olhos dos outros — pois já mandei gravar em pedra e não as deixo esquecer de que jamais deixarão de ser as minhas pequenas crianças —, espero que se lembrem desses momentos.

Temos muito chão para andar ainda, é claro. Em breve, elas poderão conhecer mais sobre o Menino Maluquinho e outras obras do talentoso escritor e

cartunista. Por aqui, já houve até mesmo foto com panela na cabeça. Só mesmo alguém com inteligência e alma rejuvenescida para despertar a emoção de maneira tão perspicaz e delicada.

O gesto transgressor para um menino tão pequeno pode ser interpretado de várias maneiras. Como um ato de rebeldia mesmo, um chamado a um olhar mais atento por parte dos adultos; um questionamento à pasteurização da vida — afinal, o que significa ser louco?; ou simplesmente a expressão de criatividade, tão necessária nos últimos tempos.

Mas Ziraldo deixou a resposta na mais celebrada de suas obras, com o nome do personagem que o sagrou: “E foi aí que todo mundo descobriu que ele não tinha sido um menino maluquinho. Ele tinha sido era um menino feliz!”, escreveu em *O Menino Maluquinho*, de 1980, que depois virou filme, ópera e enredo de escola de samba na Sapucaí. Sua partida deixa um aperto no peito, mas o legado para a literatura, para a arte e para o imaginário de toda uma geração de leitores será duradouro.

A Lua é *Flicts*. Ziraldo, agora, é *Flicts*.

Condenado por homicídio culposo em 2012 e com CNH cassada em 2015, Allan das Chagas Araújo passou ontem por audiência de custódia pelo atropelamento de ciclistas. Uma vítima segue internada e deverá passar por nova cirurgia

# Prisão preventiva para o criminoso

» ARTHUR DE SOUZA A

O motorista que atropelou cinco ciclistas na noite de sexta-feira teve a prisão em flagrante convertida em preventiva durante audiência de custódia realizada na manhã de ontem. Na decisão, o juiz Bruno Aiello Macacari levou em consideração o histórico de Allan das Chagas Araújo, 32 anos, que estava cumprindo pena por outras três condenações, em regime semiaberto.

O magistrado destacou que a ficha criminal de Allan “evidencia a periculosidade e caracteriza situação de acentuado risco à incolumidade (segurança) pública” e que isso seria “suficiente” para justificar a prisão

“como medida necessária e adequada para contenção de seu ímpeto delitivo, não se mostrando suficiente a imposição de nenhuma das medidas cautelares admitidas em lei”.

Allan das Chagas Araújo foi condenado, em 2012, por homicídio culposo, resultante de um atropelamento. Na ocasião, a vítima estava ajudando um amigo a consertar um caminhão no acostamento da estrada quando foi atingida pelo veículo de Allan. Ele recebeu uma pena de dois anos e dois meses, além de ter a carteira de habilitação suspensa e, posteriormente, em 2015, cassada.

Em 6 de abril de 2019, Allan das Chagas foi denunciado por conduzir uma motocicleta após

Reprodução



CBMDF/Divulgação

Carro conduzido por Allan das Chagas Araújo atingiu cinco ciclistas no SIA: no horário do ocorrido, o motorista deveria estar em casa

ingerir bebida alcoólica. Ele foi condenado, no mesmo ano, a uma suspensão de quatro meses da carteira de motorista pelo crime tipificado no artigo 306 do Código de Trânsito Brasileiro. Dois anos mais tarde, ele foi novamente condenado, desta vez por tráfico de drogas, recebendo uma pena de sete anos e sete meses.

De acordo com o relatório da Vara de Execução Penal (VEP), considerando a unificação de todas as penas, Allan das Chagas cumpria, atualmente, uma pena total de 14 anos e sete meses, em

regime semiaberto. “Ele deveria estar em casa até as 22h, o que não aconteceu no dia do acidente”, destacou Roani Pereira, advogado que representa a churrascaria onde os ciclistas atropelados trabalhavam.

Adriano Miranda, 50, Antonio Carlos Rodrigues, 30, Henrique Ribeiro, 22, Herbert Santos Alves, 27, e Erlano Giovanni Santos, 26, foram atropelados no Trecho 14 do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), por volta das 22h30 de sexta-feira. Eles passavam em frente

a uma loja de departamentos, quando foram atingidos por um carro. Segundo a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), o motorista do veículo estava em alta velocidade e admitiu ter bebido.

Ainda de acordo com Roani, das duas vítimas que ainda estavam internadas, Herbert Santos recebeu alta ontem. Apenas Antonio Carlos Rodrigues continua no Hospital de Base. “Não há previsão de alta. É provável ter que fazer nova cirurgia, por causa de uma complicação na

perna. Mas ele está estável”, relatou o advogado.

O advogado do suspeito, Elton Silva, se manifestou dizendo que a maneira como o caso está sendo relatado tem uma “série de inverdades”. Segundo ele, no momento do crime, havia uma testemunha no carro com Allan, que fugiu da cena por medo de ser linchada. “Com a sua oitiva durante o trâmite do processo, será provado que muitos dos fatos ali aviados não se encontram em sintonia com a verdade”, informou ao *Correio*.

## Revolta e cuidados

» NAUM GILÓ  
» RICARDO DAEHN

Indignação é uma expressão constante aos olhos da coordenadora-geral da Associação Rodas da Paz, Ana Carboni, quando ela verifica efeitos dos casos como o dos cinco ciclistas atropelados na noite de sexta-feira, no SIA, por um motorista bêbado. “É um absurdo transcorrer um crime de trânsito, ainda mais com alguém sob efeito de álcool. Nunca deveríamos utilizar a expressão acidente. Trata-se de uma colisão ou de um sinistro”, observa.

A revolta vem num crescente, quando é citada a habilitação cassada e a condenação de Allan das Chagas, o motorista em questão, por ter atropelado e matado um pedestre. “Sem habilitação, no Brasil, a pessoa não vai presa. Na Inglaterra, a pessoa não emplaca argumentos — terá uma pena de dois anos de prisão. É da delegacia direto para o presídio. É fator de legislação: aqui não se fiscaliza, não se pune”, indigna-se.

Ana zela pela adoção de sistema de trânsito seguro, capaz de reduzir os acidentes. “Ser mais seguro, implica num trânsito mais calmo, e não tão veloz. As vias urbanas da cidade se ajustam às velocidades das rodovias, e são incompatíveis com a vida”, é o que ela defende.

Para ciclistas envolvidos nessas situações de crime, em vias que excedam 60Km, pelo que analisa Ana Carboni, “não existe equipamento que faça grande diferença”. Ela ressalta que os riscos, para os ciclistas, costumam ser externos, ligados a outros veículos. “À noite, sim, faz diferença o ciclista, a fim de se tornar mais visível, usar roupas de cores claras, ter atenção para as indicações refletivas coladas às bicicletas, que deveriam, aliás, vir de fábrica e acoplar luzes às bicicletas. Que não são baratas, e deveria ter algo como a distribuição, por parte do governo”, opina a ciclista.

Acalmar o trânsito é uma meta polêmica, apenas no Brasil, na visão de Ana Carboni, que

Fotos: Naum Giló



Tatiana Araújo não pedala fora das cicloviárias



Leandro dos Santos busca circular perto do meio-fio

também é gestora do projeto Vias Seguras, em nível nacional. “No DF, aliás, parece que a velocidade é tombada. Não temos dados qualificados (e concretos) sobre as ocorrências envolvendo ciclistas, mas as mortes (gerais no país) são da ordem de 90 pessoas por dia; parece uma epidemia”, pontua Ana, que é ciclista urbana

há 41 anos. Um alerta importante para os ciclistas é que, numa via, sigam o sentido do fluxo dos carros. “Não é verdade que, no sentido oposto (dos carros), o ciclista ‘enxergue’ melhor os veículos”, explica Ana.

Ela encampa a formatação do projeto Vias Seguras, que aguarda tramitação na Câmara Federal

(por meio do projeto de lei 2.789-20/23) e propõe reformas no Código de Trânsito Brasileiro. À frente da União de Ciclistas do Brasil, como gestora, Ana reitera: “Temos observado uma redução na fiscalização e que levam a mais mortes e mais lesões. A vida não pode ter um valor pequeno — e o trânsito deve ser

compatível com a vida. A pressa das pessoas não pode valer a vida do outro”.

### Pedalandando por aí

O bancário Leandro Martins Inácio dos Santos, 43, sabe que pedalar pela cidade exige cuidados fundamentais para não sofrer acidentes. “Na rua, sempre tento pegar a ciclovia, quando tem. Nas vias, ando sempre rente ao meio fio e sigo na mão da via”, afirma. À noite, o bancário usa sinalizador, olho de gato e sinais sonoros. “Acho Brasília um lugar perigoso para pedalar, principalmente nas passagens subterrâneas”, analisa.

Já para Tatiana Araújo, 49, dividir a rua com os carros enquanto pedala não é uma possibilidade. “Pego somente cicloviárias ou o Eixão quando fecha aos domingos e feriados”, revela. Ao pedalar no período noturno, o sinalizador luminoso é obrigatório. “Considero pedalar à noite no Plano Piloto relativamente mais seguro, o que pode não ser assim em outras regiões de Brasília”, avalia.

## SEGURANÇA PÚBLICA

### Menos crimes contra a vida e o patrimônio no DF

Após 2023 terminar com o recorde absoluto de feminicídios registrados no Distrito Federal, os números do primeiro trimestre deste ano mostram uma tendência de melhora no cenário. Dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF), obtidos em primeira mão pelo *Correio*, apontam que os números desse

crime caíram pela metade, de 10 para cinco casos.

Os dados da SSP-DF também indicam que o primeiro trimestre deste ano, comparado com o mesmo período de 2023, registrou redução de 21,1% dos homicídios consumados — o menor dos últimos 25 anos. Os crimes contra o patrimônio também

apresentaram queda no período (-21%), com destaque para os roubos a pedestres (-36,4%) e a comércio (-34,5%).

Os seis crimes contra o patrimônio (CCPs) monitorados pela SSP-DF — que compreendem os roubos a transeunte, de veículo, em transporte coletivo, em comércio, em residência e os furtos

em veículo — também fecharam o trimestre com redução de 21%. No período, os roubos em transporte coletivo tiveram redução de 64%, enquanto o roubo a comércio apresentou decréscimo de 41,9%. Houve, ainda, redução dos roubos em residência (-35,4%), de veículo (-31%) e a pedestres (-29,4%). (AS)

Ed Alvedes/CB/D.A Press

